



**Todas as mulheres em mim:
Crônicas e poemas de Célia Musilli**

Edição:
Andréia Montanari

Textos publicados em:

http://www.germinaliteratura.com.br/2012/celia_musilli.htm

http://sensiveldesafio.zip.net/arch2013-08-01_2013-08-31.html

Imagem da capa:

<https://pensesonheviva.blogspot.com.br/2013/07/o-apanhador-de-sonhos.html>

Apresentação

Quando fui incumbida de explorar o universo digital e a literatura praticada atualmente no país, me vi totalmente perdida. Fiz, então, a seguinte pergunta: Há mulheres escritoras? Lancei-me em uma busca incessante pela literatura feminina e, para minha sorte, encontrei o trabalho de Célia Musilli, autora do blog “Sensível Desafio”, onde publica suas crônicas e seus poemas. Célia, com muita destreza e agradável sutileza, aborda o universo feminino de forma ímpar. Seus textos, retratos do dia-a-dia, expõem as faces de todas as mulheres que há em nós.

Andréia Montanari

O que eu não disse

o silêncio é arma
a fustigar entranhas
quando dói me recolho
como bicho
intuindo o sacrifício
e a quietude sangra
incendeia
fecho bem os olhos
a solidão na veia
aberta à perda
na correnteza do rio
uivo, laivo, cio
na manhã que
se despedaça
flor, pétala entre os dedos,
o silêncio é minha dor
e meu segredo

Sem as nuvens que dançam

Existem dias imóveis. Corpo que se recusa ao gesto, uma preguiça que dói e lá no fundo o desejo de romper o círculo invisível. Não gosto de mim quando não busco palavras nem caminho na aurora. Não gosto de mim quando me escapam os vocabulários e um mundo sem sons deixa o corpo fechado. Mas tenho uma aceitação de mim, um profundo respeito pelos estados de espírito que não compreendo e às vezes acho que luto desde que nasci para vencer o inesperado imobilismo que me segura numa teia de vidro, absorta.

Há dias em que me sinto uma conserva, há outros em que movimentos de dança instalam-se em meus quadris e danço a rumba sensual que vem de um DNA desconhecido. Nunca tive explicação para meus humores, nem as procurei. Deixei-me ficar assim como um animal entregue aos desassossegos. Às vezes me ocupo de mim e até me preocupo, adivinhando a coisa inerte que pode ser o futuro quando todas as queixas se calam e os desejos são postos para dormir. Mas não quero, apesar da enorme aceitação de mim.

Quis muitas vezes que alguém caísse comigo na vertigem da vida, quis companhia para os passos da dança, um pas-des-deux disciplicente. Mas os bailarinos nem sempre me compreendem ou não me faço entender. Esta coisa de linguagem e língua dá um trabalho dos diabos, dissolve-se a comunicação num átimo, ainda que tenhamos escrito milhares de frases e as palavras escorram como chocolate pelos cantos da boca.

Antes um sinal de fumaça, se é pra acordar assim sem movimento e sem explicação para a preguiça dolorida que me faz fixar os olhos no teto e a línguano céu da boca, sem avistar nem inventar as nuvens que dançam...

Sopro

Existem momentos em que desejo fugir da realidade, encontrar uma zona de conforto. Não que a realidade seja tão difícil, mas atravessar paredes é um recurso a ser experimentado por quem gosta de mágica. Eu gosto.

Claro que a realidade tem suas belezas, um perfume que inunda a tarde, uma folha que flutua como se tivesse vida e asas, um silêncio repentino quando todos voltam para casa à noitinha, fazendo preces por hoje ser sexta-feira, a véspera do ócio prolongado.

Em dias chuvosos, o conforto que quero é outro, muito mais intenso, é uma brincadeira de esconde-esconde dentro de mim, abrindo compartimentos onde só entram sonhos, destes que a gente tem de olhos abertos e chama de “intimidade”, um jeito de ficar quieta como um animal que finge não ter corpo.

Nestas horas, deixo para trás toda a irritação do dia, dos meses. Deixo toda vivência concreta e recupero um sentido lúdico que me põe de novo na infância. Finjo que sou bailarina, Alice no País das Maravilhas com o Gato que Ri e um personagem do qual ninguém suspeita o nome, porque faz parte daquele mesmo mistério que levanta folhas. Mas a vocês eu digo: ele se chama Sopro, integra as lendas incontáveis da minha imaginação e, de repente, aqui no meu quarto, ele me devolve o encantamento do jogo secreto, secretíssimo, de fazer de conta como quem vive!

Quieta, bem quieta

Ando cansada de pensamentos nus, atitudes nuas, tudo tão evidente e à flor da pele... Se sinto, digo. Se não me ouvem, grito. Mas me pergunto se o erro não será o excesso de eloquência, embora o mistério seja privilégio das minhas noites insones, aquelas em que só me visitam os poemas e fico pensando que nem no escuro as palavras cessam e os sentidos deixam de fazer ronda... Ando cansada de tanto movimento e tanta busca por aqueles que não querem ser encontrados. Melhor me acalmar como pedra, argila porosa e inanimada, poeira que assenta, vento que passa. Melhor ir com Leminski: “Morrer de vez em quando é a única coisa que me acalma...” Ou, ao menos, tentar a fuga de um desmaio voluntário. Onde tudo fica quieto, quieto, bem quieto...

A dança das coisas delicadas

A melancolia é meu “defeito de fábrica.” Nasci assim, no limite. Então nestes finais de ano, de festas e passagens é inevitável que eu sinta a poeira fina que cai como orvalho sobre meus tantos sentimentos. Nesta época, há os que vivem a melancolia e os que vivem a euforia, ajudando a detonar a bomba interna da alegria passageira com aditivos que os colocam instantaneamente de bem com a vida.

Sinto-me um pouco deslocada por não ser a mais festiva das pessoas e sentir tédio em reuniões sociais. Este detalhe espanta os ouvintes a cada vez que confesso não querer o que quase todos querem. Meu desejo, nestes dias, é apenas aumentar a própria sintonia com o íntimo das coisas, naqueles sossegos silenciosos, naqueles pedacinhos do Ser que nos revelam a poesia e a festa da Existência de outro modo. Desejaria talvez, compartilhar o pôr-do-sol ou as estrelas de um tempo mutante com quem se deslumbrasse com a mesma Beleza, esta que nos tira as palavras pelo encantamento. Esta que nos leva instantaneamente a outra dimensão de mundos mais delicados e propícios ao canto de passarinhos, músicas da chuva e à contemplação dos universos íntimos.

Os familiares e os amigos nos chamam em outras direções. Ao clichê dos champanhes, das ceias fartas, dos rojões barulhentos e, às vezes, sem lágrimas. Não me nego à vida corriqueira, seria também uma tola se não espiasse a vida como ela é, ainda que o faça com o cantinho do olho e querendo seu avesso. Porque no avesso, aí sim, vejo melhor a trama do bordado, meu pêndulo interno a contar as horas, dias e anos de desejo de uma intimidade maior com o universo do qual sou transeunte.

Talvez eu não queira as rodinhas, mas a Grande Roda que me conecte a vivências cósmicas como a da borboleta que tatuei no pulso, ao trabalho

das formigas, à paciência das flores. Não, não procuro o grande Deus, mas os pequenos, por isso me afastei das religiões e extingui as possibilidades de participar de grupos que cantam a Aleluia sem alma. Então, é solitária a vida de quem não se associa por descrença ou sacadas metafísicas que excluem o dejà vu dos “pagodes de luz!”

Assim como é solitária a vida de quem não quer aditivos para fabricar a alegria, mas deseja o desvario natural de uma mente aberta e sensível como o movimento das estrelas em noites de Ano Novo. Ao mesmo tempo, cai sobre mim o orvalho desta melancolia que me faz mais humana, mais gente, com todos os nervos e carnes expostas, sentindo que é tão bonito e tão difícil saber dança das coisas delicadas.

Ainda sobre o amor

Todos os seres vivos, das algas aos mamíferos, buscam o amor. Mas as pessoas quando o percebem, às vezes o negam. Quando não podem mais negá-lo, recusam-se a reconhecê-lo e, como um gato, refugiam-se em cima do muro para ficar fora de perigo. Paradoxalmente, tememos o que mais buscamos. O medo, pela sua intensidade, é o oposto perfeito do amor, que está em toda arte e em toda parte. Quando ele se aproxima, a sensação é de que uma onda nos engole. Mas o que seria de nossas vidas sem o seu encanto? Alguém já disse: "Ama como quem começa a estrada. "Ou seja, corra o risco."

Para o gato descer do muro é preciso seduzi-lo com um naco de carne, um peixe fresco, uma carícia que o faça abrir os olhos, talvez dilatando as pupilas. É pelo olhar que se identifica o amor e quando um ser acariciado se entrega, entrega-se primeiramente à sua própria natureza. No fundo, buscar o amor é buscar a si mesmo, um território impossível de se conhecer sem a presença inefável do Outro.

No princípio era o verbo

o que fazer
quando te quero tanto
e não posso, no entanto,
transformar
em pele, carne, linfa
a tua ausência
que me faz te amar
no verbo
de todas as línguas

Não quero mais ser um tango

(Crônica dedicada às mulheres de desejos colados e corações partidos)

Atingi a iluminação ou seria a insurreição? Só sei que, em matéria de amor, saí do mapa das ilusões perdidas e peguei um rumo só meu: não sou mais. Percebi há alguns anos que gastei todo meu estoque de lágrimas, ficaram os poemas, alguns piegas, outros cheios de inspiração. Mas depois de sacar *band aids*, mercúrio-cromo, anestesia, ansiolíticos, me enrolar em ataduras, chamar o SOS da desilusão, o CVV dos corações partidos, o SAMU dos desejos machucados, não sou mais a mesma. Aprendi a sair mais leve, linda e solta das relações que um dia me fizeram querer zarpar para a Antártica, naquele barco que a gente nunca sabe se volta.

De repente, descobri que não desejava mais enredos de bolero, mais que isso, não queria ser um tango, para viver de amores perdidos, rimas derretidas, confidências secretas. Ultrapassei a faixa dos amores vividos e dos amores bandidos, cruzei o semáforo no vermelho, como quem vira a página de um livro, louco para ver onde vai dar a história, com o desprendimento de não forçar o início nem segurar o fim.

Querendo ou não, deixar o romantismo excessivo é uma prerrogativa da maturidade, dá a sensação de abandonar o ventre da mãe. Ouçam isso meninas: de repente, o cordão umbilical se parte e a gente se sente livre e feliz para respirar sozinha. Quando crescemos - nem sei bem se é esta a palavra - há um certo alívio por ter nosso próprio abrigo à prova de balas, sem ser atingida por bombas, granizos, tempestades. Mulheres passam metade da vida procurando príncipes e engolindo sapos. Até conseguir sair de fininho num barco anônimo.

Claro que a gente nunca pode desdenhar dos artifícios do amor, sua atração de lua, sua soberba de sol que nos espia nas frestas, enquanto juramos que ouvimos pássaros. Mas, que pássaros?

Um dia descobrimos que todo amor tem começo, meio e fim. Já será uma ousadia passear de mãos dadas por seus corredores, até aquela poltrona onde, enfim, descansamos de pernas pro ar, como quem faz a *siesta*, tomando um café e, ainda que não fume, dando baforadas num cigarro imaginário. Só para ver os círculos do passado subindo, se desprendendo, como um anjo que cumpriu sua missão, nos devolvendo a paz dos desencanados em vez dos “desenganados” do amor.

Façam as contas: quantos amores vocês tiveram na vida? Nove fora, amor pra valer se contam um ou dois, três no máximo. Quase sempre aqueles que duram mais tempo. No mais, é a luta da desilusão, o boxe do faz-de-conta, o nado sem borboleta, a olimpíada sem tocha, o voo sem asa, a invenção de cada dia, para que a vida tenha alguma graça. Não me arrependo dos amores inventados, os que criei como enredos de filmes, fazendo diálogos, concebendo personagens, minhas Sabrinhas açucaradas, meus clones de Baudelaire, rumbas e tangos, como quem vive eternamente numa *calle* de Buenos Aires.

Mas quando dei por mim, tinha aderido ao surf, quase sem perceber peguei outra onda, mais feliz, como se, finalmente, me livrasse das ilusões perdidas, para tirar férias no Havaí, onde não há tristeza que resista a um bom mergulho no pacífico. Cruzei o mar, não quero mais me afogar em mágoas. Descobri que a iluminação é a insurreição. Como não?

Aguenta, coração!

O médico disse que ela tinha um “sopro no coração.” Recomendou um eletrocardiograma, aquele exame em que nos ligam por uns fiozinhos a uma máquina para medir nosso ritmo, a pulsação do órgão mais sensível do corpo. Sensível porque dói mesmo quando não há dor física, só psíquica, e ele dispara como um alarme.

Ela lembrou que quando era criança, um médico disse que sua irmã também tinha um “sopro.” Ela achou a expressão tão poética quanto tocar flauta e sentiu uma pontinha de inveja no órgão que denuncia até pensamentos proibidos.

Em compensação, segundo este médico da infância, seu coração era um “reloginho” e ela passou anos imaginando os ponteiros, os eixos, o formato redondo como os carrilhões das igrejas, achando que tinha um coração enorme e podia sair gastando toda sua corda.

Agora, na véspera do eletrocardiograma, ficou pensando o quanto devia estar avariado seu “reloginho”, com tantos sobressaltos, tantos sustos, tantos amores, tantos aquecimentos e congelamentos sucessivos. Coração de pétalas e de pedra lascada, de fluxos e correntes subterrâneas, histórias sem fim, parceiro diurno e noturno, de sonhos e pesadelos. Uma paisagem vastíssima devia ser mostrada no eletrocardiograma, o nome mais anti poético que existe para um inventário de sensibilidades.

Ela pensou que nem queria ser examinada assim, numa corrente de eletricidade, ligada a fios como uma torradeira. E se detectassem seu medo do escuro? Seus pensamentos na solidão? Suas idéias tortas, suas fantasias, seu desejo de morrer de um ataque cardíaco, a morte mais justa para um poeta.

Já fazia tempo que pensava em não viver muito, não como um animal ancestral, um fóssil em atos e emoções. Queria viver enquanto se mantivesse aquecida por algum plano, algum roteiro maluco, uma viagem para além dos trópicos, uma odisseia com direito ao conhecimento dos mortais e o enfrentamento dos deuses.

Já tinha pensado em voltar à Ítaca, a terra mítica, o lar para onde vamos depois das vitórias e derrotas. Então, se morresse subitamente, como uma dama das camélias, estaria de bom tamanho. Não teve uma vida de cinema, mas a morte talvez fosse um filme, no qual embarcamos como um personagem enquanto nos atiram flores.

Afinal, já tinha sustentado tantos diálogos, escrito livros, deitado palavras que justificam a existência mesmo que metade fosse mentira. E a outra metade, uma verdade tão grande quanto o tempo de uso do seu coração, com prazo de validade gravado sem medo nem tédio.

Então, foi dormir cedo, preparando-se para o exame na manhã seguinte quando seria uma mulher presa aos eletrodos, medindo as pulsações que enfim explicariam o “sopro”, que talvez tivesse alguma coisa a ver com o sufocamento noturno do qual vinha se queixando ao médico. Ela pensava em odisseias, ele suspeitava de apneia, palavra grega que significa “respirar com dificuldade”, coisa que os seres humanos podem suportar por cerca de 2 minutos.

-Mas apneia não é doença de gordos, doutor?

-Nem sempre, magros também podem ter apneia.

Ela ficou pensando que não comer bombons não valia nada na hora da morte, nem da investigação daquele aparelhinho que ia medir a quantas anda um coração que já foi assaltado por amores bandidos, paixões

súbitas, ficando em cárceres privados de emoções, enquanto ela escrevia nas paredes: “Je vis à l’air de Baudelaire.”

Tanta poesia deu nisso. Amanhã ela teria um mapa da sua odisseia, não sem antes se lembrar de uma das frases mais célebres do livro de Homero para consolar-se como quem reza: “Aguenta, coração!”

Líquida

Às vezes é preciso esperar que a noite termine para que os pensamentos se aquietem. No escuro, eles passam feito cardumes. Ao amanhecer alguns emergem até a superfície para se alimentar, transformando-se em desejos satisfeitos. Outros voltam às profundezas à espera da noite seguinte quando afiam guelras, escamas, lâminas, movimentando-se num balé líquido em minhas marés imateriais. Tenho alguns desejos satisfeitos. Outros submersos em reinos que ninguém adivinha...

**Paixão em origami
(uma carta, quase um blues)**

Não fuja baby, há muita história pra rolar, geografias a percorrer, uma aventura a dois tem um grau de intimidade que nos tira do chão e nos coloca num espaço inimaginado, onde não há razão, só coração, órgão máximo da delicadeza, vaso onde nascem flores de origami que moldamos entre os dedos, fazendo carícias, descobrindo formas de amar.

Quando a aventura é grande e a viagem longa, entregamos as identidades e os RGs, vamos em busca daqueles outros que habitam em nós, embora nem sonhássemos com eles na vizinhança.

Você tirou algumas outras de dentro de mim, aquelas que dançam rumba, vaporizam perfume no ar, celebram a vida, pelo fato de serem carne que se entrega e arrepia, muito além de um osso duro de roer.

Havia tantas lá dentro. Escondidas entre os véus, me espreitando como odaliscas que me habitavam e eu nem sabia. Ou havia esquecido, entre um passo de dança e a necessidade urgente de voltar pra casa, colocando uma a uma em disciplinado silêncio, sem música para não despertar seus sentidos.

Mas estes desdobramentos, estas vozes, estas mulheres teimam sempre em acordar do seu sono profundo, nascidas das memórias que as fazem únicas, herdeiras da aventura de amar. Penélopes e Alices, Helenas e Yokos sopram em meus ouvidos uma canção de coragem, um ato de ternura que irrompe como um animal, entre dengos, sobressaltos e murmúrios. Elas permanecem ali, por um tempo, inspirando-me histórias de Sherazade, num plano de criatividade ao qual dou voz, neste instante, narrando a mesma história, que parece sem fim...

Era uma vez tantas vezes.

Então, não fuja baby. Há muita história pra rolar, acontecimentos que não se adivinham. Quando nos despimos pra valer há um encontro indizível, uma possibilidade de descobertas que só se fazem a dois, antes que o dia amanheça e a gente pegue o RG como se fossemos um, embora tenhamos sido tantos outros que emergem, se escondem, viajam até as estrelas, desembarcam no quarto.

Até a próxima vez, quando o pássaro nos acordar do mistério.

A mais líquida das mulheres

Era tudo muito forte. Havia a confluência do Ganges e do Nilo, do Amazonas e do Yangtzé, o maior rio da China. Todos corriam para o mar. Àquela hora era ela a mais líquida das mulheres, aquela que verte o choro e ainda tem os líquens e os orvalhos. Esta natureza de água decerto era um risco no mundo sem muitas fontes era um contraste. Tudo muito seco e inóspito, tudo ansiava por água que seria sorvida por uma sede de terra antiga. Porque havia os desertos humanos.

Parecia não ter fim aquela sede do mundo e a mulher-água tinha muitos afluentes: ternura e graça, poesia e maciez na língua, oásis e plantas irrigadas. Mas assim que toda a verve líquida desejava correr em fluxo contínuo, rochas obrigavam a água a estancar e a se repartir, perdendo força, transformando-se de novo em pequenos lagos isolados. A natureza seguia seu curso em movimentos, às vezes contrariando a si mesma. Estancava quando queria puxar, até que, aqui e ali, uma nova reunião das águas se transformava numa cascata que arrebatava as emoções sutis. A ternura e a graça, a poesia e a maciez da língua, os oásis mais puros e as plantas irrigadas, tudo exposto à tempestade.

Quando chegava neste ponto, para não sucumbir à brutalidade a mulher-água se recolhia e deixava-se levar pelo rio interior onde a emoção contínua transformava-se num pensamento quase ordenado. Havia palavras para colocar pingos nos is, gotas na chuva, moléculas no oceano. Vistas assim como moléculas que se juntam num determinado instante, as águas não eram tão assustadoras, porque a água, como se sabe, tem duas naturezas: uma de riacho doce, um convite de Oxum, outra de onda marítima de arrebeitar diques, cidades e civilizações.

Quando a onda gigante se insinua sobre os portos, as embarcações batem seus cascos duros. Um atrito de arrebeitação, impacto perigoso como as tempestades tropicais, produzidas por elementais que chamam ventos e os

comandam por tempo indeterminado. Pode durar dias ou anos, nunca se sabe.

Na mitologia dos sentimentos há um balé exigente dançado na ponta dos pés, quando os excessos são recolhidos em garrafas, destas que se lançam ao mar para que se cumpram os acasos. Trata-se de um rito de passagem, ninguém sabe do que para que, mas há transformações. Algumas mensagens nunca chegam, batem nas rochas e se transformam em palavras de vidro moído, estilhaços que cortam deixando cicatrizes finas, quase imperceptíveis depois que secam ao sol.

Mas algumas mensagens chegam como códigos de sobrevivência que avançam pelos sete mares, contornam as ilhas, ludibriam a besta e seguem levadas pela casualidade até uma praia mansa, onde toda angústia é espuma. Ninguém imagina que a espuma, que carrega algas e conchas, passou por perigos que têm a ver com o desejo de fluxo, quando as águas começam a formar ondas, redemoinhos, com a força centrípeta puxando e as possibilidades de flutuar parecendo impossíveis.

A mulher-água, com toda sua emoção, depois que corre junto ao Ganges e ao Nilo, encontra a resistência das montanhas, se revolta, se reparte para seguir seu curso, cai em cascata, despenca em abismo, reúne outra vez os afluentes, ruma para o oceano, provoca as ondinas, dança o balé das ninfas, bebe o sangue das bestas, apazigua-se em espuma, quebra-se num remanso de praia onde se deita exausta.

Sua natureza é de onda e quando as rochas a recolhem para ficar ali, ela já partiu, fazendo o caminho de volta ao Ganges e ao Nilo para providenciar a sementeira dos sentimentos sobre a terra inóspita, os desertos humanos. Assim, apesar de todos os obstáculos, fertiliza para sempre e sempre o renascimento, líquido como a criação.

Sentimentos mínimos

As mulheres dão atenção a detalhes, a coisinhas. A agulhas, linhas, botões, caixas, miçangas. Será porque nas cavernas os homens saíam para caçar, ver o mundo, e ficávamos ali coletando pedrinhas, ossinhos, sementes? Ao mesmo tempo, a visão aparente de "pouco alcance" nos dá concentração para a imensa paisagem interior, onde se estendem afetos, o amor como um lençol gigante, a estrada sem fim da emoção... Enquanto enfiamos miçangas na linha, os pensamentos voam. Mergulhamos na interioridade nestes momentos aparentemente ingênuos e, de certa forma, artesanais. Para mim é o artesanato do pensamento, assim como a escrita que se destina ao mundo, mas primeiro, antes de tudo, é um enfiar de letrinhas, como contas, miçangas, no "papel" em branco. Às vezes faço colares de pensamentos. Pequenos pensamentos, aparentemente sem importância, mas sinto cada pedrinha que se move dentro de mim. Certas impressões revelamos a poucos. O atrito é muito delicado...

Sentimentos máximos

Era a primeira vez que a tristeza adquiria um corpo e escorregava como areia dentro da ampulheta. A tristeza era uma caixa guardando pequenos objetos, botões delicados, agulhas, linhas. Se me virasse para a direita, eles se movimentavam para este lado. Se me virasse para a esquerda, eles também se deslocavam. Só não sabia como inverter o processo, o que faria para preencher o vazio quando a areia terminasse. Porque aí já não seria uma questão de direita ou esquerda. Seria uma questão de manter-me em pé, em ângulo de gravidade. Antes, a angústia era uma nuvem, um fantasma que pairava como o éter. Era a primeira vez que o sentimento adquiria um corpo, um estado sólido. Acho que a tristeza evoluiu.

Prazer

ainda que o que me
instigue o corpo
seja breve
seja novo
será sempre
a lição sem fim
de redescobrir paraísos
perdidos
dentro de mim

De Maria para João

Preciso te encontrar agora, assim mesmo mexida, com a terra revolvida, os pilares tortos, um abalo sísmico de 7 graus na escala Richter para ver como se comportam nossas defesas diante da quase tragédia, do dramalhão de novela, da história de amor que tem seu enredo, tão feliz quanto patético. Uma briga assim não há de passar em branco. Retornei aos bilhetes, alguns mal escritos no ímpeto de salvar a pátria, a pátria de um amor que você nem chama de amor que é para ocultar o nome do que não pode ser dito em vão.

Amor nesta perspectiva deve ser um deus irado, destes que não perdoam, que pedem uma tranqüilidade responsável, quando somos todos irresponsáveis, à beira de um ataque de nervos, provando nossa humanidade. Nas cheias dos meus olhos, lágrimas dançam um solo de piano, às vezes de sax pungente. Depois de superar o impulso de amaldiçoar memórias, coloco na xícara um pouco mais de açúcar e bebo o afeto destes dias atravessados. Engulo um ódio adoçante.

Às vezes, sou tão imediatista que devoro calendários, quero adivinhar o futuro, saber se há um porto depois dos naufrágios, um salva-vidas, uma esperança, um movimento leve como as borboletas, um local para repousar e deixar que o vento espalhe as dúvidas como grãos de areia, tão ínfimos quanto penetrantes.

Você faz de conta que não sente. Desfila um olhar blasé como aquele seu jeans despojado, um toque de eterna juventude onde a maturidade faz vincos, eu te aliso, aliso e te adivinho absorto em si mesmo, sempre ensimesmado pelas mesmas revoltas, doçuras e danação de amor, aquele que não se entrega e põe no ar os pássaros da ilusão que me tiram do sério. Estaremos juntos de novo? Ou viramos para sempre a esquina e deixamos os ecos dos passos dos que perderam o paraíso?

Todas as mulheres em mim

a cada vez que ele volta
abro meus braços de rio
serpente do Nilo
Alice no espelho
estrela cadente
gata no cio
sereia de Ulisses
Penélope nua
queria tanto ser sua

Sobre a autora

Célia Musilli (Londrina, Paraná, Brasil, 1957) é jornalista, blogueira e trabalhou no jornal *Folha de Londrina*. Autora de *Sensível desafio* (poesia, 2006) e *Todas as mulheres em mim* (prosa poética, 2010), baseados em seu blog "Sensível Desafio", possui graduação em Comunicação Social - habilitação em Jornalismo - pela Universidade Estadual de Londrina (1988). É Mestre em Teoria e História Literária pela Unicamp, com a dissertação "Literatura e loucura, a transcendência pela palavra", defendida em fevereiro de 2014.

Esta edição e compilação de textos foram apresentadas como trabalho final da disciplina de Literatura em Meio Digital, ministrada pelo professor Gustavo Cerqueira, na Faculdade de Letras da UFMG, 2017.